

## UM TEMPLO DE DEUS

Swami Paratparananda<sup>1</sup>

Maio - 1978

As pessoas em todo o mundo conhecem a ideia de lugares sagrados de adoração, como por exemplo, um templo, uma igreja, uma mesquita, etc. Os homens constroem templos, os adornam com beleza arquitetônica, colocando as imagens da Divindade, nomeando pessoas preparadas para conduzir a adoração, e empregando pessoas para manter limpos seus recintos, pois a limpeza, segundo um refrão inglês, está próxima da santidade ou piedade. A limpeza externa é um fator essencial que contribui para a limpeza interna do coração ou da mente. É sabido que um lugar limpo produz espontaneamente um efeito tranquilizador no homem.

Qual é a ideia que está por trás desses templos? Milhões de pessoas, mesmo apesar da tendência da sociedade materialista atual, visitam igrejas, templos e mesquitas e assistem aos serviços religiosos nesses lugares. Por quê? Porque no homem há uma sede insaciável de conhecer o Desconhecido, conhecer ao Governador de nosso destino, o Princípio Mais Elevado e adorá-Lo. Deus é aquele desconhecido, por qualquer nome que seja chamado. Para a humanidade, geralmente o Princípio Abstrato, está além de sua compreensão. Necessitam de algum símbolo concreto mediante o qual possam adorar a Deus. Por conseguinte, as imagens e símbolos são uma necessidade no campo religioso, pelo menos para a maioria. Para adorar as imagens se constroem os templos. Nos dias pré-históricos, na Índia, não se falava muito de templos. Naquele tempo as pessoas faziam sacrifícios e adoravam ao fogo como representante da Divindade. Mais tarde o sacrifício de animais foi substituído pelo culto às imagens. Se lermos a história da fundação de qualquer templo que tem continuado a exercer sua influência sobre as pessoas, se perceberá que foi algum santo ou sábio espiritual quem santificou aquele lugar por suas austeridades, práticas espirituais, pregação religiosa ou por sua estadia ali. O sábio Nárada, em seus Bhakti Sutras (aforismos sobre devoção) disse: "Eles (os grandes devotos) transmitem a santidade aos lugares de peregrinação". Sua mera visita ou morada nesses lugares cria uma atmosfera elevada que em muitos casos duram milhares de anos. Sri Ramakrishna disse a respeito:

---

<sup>1</sup> Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

“Deus está presente onde as pessoas falam Dele. Pode-se sentir ali a presença de todos os lugares sagrados. É por isso que onde Deus é adorado, naturalmente se pensa Nele”. Conhecemos bem a lei da associação, a qual pode aplicar-se tanto a respeito das ideias como das pessoas ou lugares de adoração. Sri Ramakrishna costumava citar o exemplo de um devoto que a mera vista da árvore babla ficou subjugado pelo êxtase. Associou a árvore com Krishna, seu Ideal, pelo fato de que o machado utilizado no templo de Radhakanta, outro nome de Krishna, estava feito dessa madeira. Para os que não estão acostumados a pensar em Deus tão intensamente, isto pareceria um mito ou fantasia. Mas aquele que vive pensando constantemente em uma forma particular de Deus, pode de vez em quando, recordar ao Senhor mediante episódios apenas um pouco relacionados com Ele. Isto se pode comprovar quando uma pessoa muito querida deixa de existir e algo pertencente a ela aparece diante de nossos olhos; isto nos comove e sentimos de novo a perda dessa pessoa. Do mesmo modo e em um sentido mais agudo, um devoto recorda a Deus. É claro que os exemplos desta classe de devotos são muito poucos. A mente deste devoto deve estar limpa de toda ansiedade e de todo desejo mundano; mas por isso não podemos descartar a ideia de que o homem sinta a presença de Deus ou pelo menos lhe chegue o pensamento do Senhor nos templos. Este é o propósito de construir edifícios destinados a adorar ao Senhor: fazer recordar ao homem que existe um Ser Supremo que controla tudo e que o propósito do nascimento humano é unir-se com Ele.

Além disso, o templo não é em absoluto um lugar onde as pessoas possam reunir-se para fazer negócios nem tampouco deve ser usado para funções sociais. É um lugar para adorar a Deus. A própria ideia de visitar um templo nos faz sentir que devemos ser puros. Na Índia, antes de ir ao templo, as pessoas se banham, vestem roupas lavadas e limpas, e contemplando a Deus, se aproximam Dele. E se neste momento se percebe que os arredores do templo estão sujos e que está descuidado, sua mente se rebela, pois a ideia de santidade que se associa com o templo se desvanece. Se essas regras simples e diretas são esquecidas, o templo se converte em um mercado barulhento ou em um lugar onde as pessoas falam e trocam ideias sobre assuntos mundanos; e como consequência perde a santidade. Recordemos como Jesus expulsou a todos os que vendiam e compravam no templo, dizendo-lhes: “Escrito está, minha casa, casa de oração é, mas vocês a fizeram uma cova de ladrões”. Tampouco se devem usar esses templos como lugares de passatempo, tal como jogar cartas. Certa vez Sri Ramakrishna foi visitar um templo em Calcuta e lá encontrou os sacerdotes do templo jogando cartas; de imediato disse à seus discípulos que o acompanhavam: “Jogar cartas em um templo! Aqui se deve pensar só em Deus.”. Portanto é

necessário manter a pureza e a santidade de um lugar de adoração, com muito esmero.

Essa ideia de imagens e templos deve ser estendida a si mesmo para que possa tirar bom proveito espiritual. Vemos que nos encontramos atados, acorrentados pelas limitações do corpo, os sentidos e a mente, ou seja, as ideias de que somos corpo, sentidos ou mente sempre intervêm quando tentamos elevar-nos; não se pode desfazer-se dessas ideias nem depois de muito esforço. As enfermidades do corpo e os transtornos que perturbam e dominam a mente nos obrigam a pensar em nós como corpo e mente. Só existem dois métodos para vencer estes conceitos, pelo desapego intenso por tudo que é deste mundo e do seguinte e tratar até o corpo, que é tão querido por todos, como uma carga sem objeto, pelo qual se deve ser indiferente. Mas é uma posição muito dura, que só uma pessoa que segue o caminho do conhecimento pode seguir com sinceridade e chegar a ter êxito. Pois é difícil manter esta atitude para aquele que leva uma vida em família, que tem obrigações que cumprir com sua família e outras pessoas no mundo. Ele se sente responsável pelo cuidado de seus filhos e das pessoas que dependem dele, por conseguinte, não pode ter esta atitude de indiferença por eles e muito menos por seu próprio corpo; pois se não o cuida bem é possível que se enferme e não possa cumprir com os deveres que lhe correspondam. **O outro método é considerar ao corpo como um templo de Deus.** Não somente devemos cuidar da estrutura externa, mantendo-a limpa, mas também devemos fazê-lo com o santuário interno, ou seja, devemos ter tanto esmero em preservar o coração e a mente pura e limpa como na conservação do corpo. Senão, como podemos colocar no coração a imagem de Deus?

Mas há um grande perigo em considerar ao corpo como templo de Deus: o de dar-lhe demasiada atenção esquecendo-se do Senhor. Há uma estória dos Upanishads que ilustra quão arriscado é não compreender bem os ensinamentos espirituais. Certa vez o Criador declarou: “Todo ser que busca da devida maneira e chega a conhecer a este Atman, que é sem mancha, sem velhice, nem morte, sem pesar, nem sede e cuja vontade e pensamentos se cumprem, logra todos os mundos e se capacita para satisfazer todos os seus desejos”. Chegando a conhecer sobre esta declaração, diz a estória, o rei dos devas e o rei dos demônios se aproximaram do Criador e lhe pediram que os ensinasse sobre este Atman tão maravilhoso. O criador lhes pediu que ficassem com ele trinta e dois anos como celibatários. Quando terminou este período de treinamento, eles se aproximaram de novo. Então o Criador disse: “Esse Purusha que se vê no olho, esse é o Atman, esse é imortal, sem medo, e esse é Brahman”. Para estarem certos de que o haviam compreendido bem eles lhe perguntaram: “Venerável Senhor, qual deles é ele, o que se

vê na água ou aquele que se vê no espelho?” O Criador respondeu: “Em realidade esse mesmo é percebido em todas essas coisas.” Depois acrescentou: “Olhem a vocês mesmos na água de uma vasilha, e se não compreenderem sobre o Atman, venham e perguntem-me”. Eles se olharam na água. O Criador perguntou: “O que veem?” Responderam: “Venerável Senhor, vemos tudo de nós, até as unhas e os cabelos; um reflexo perfeito.” Durante todos esses anos, como não se barbeavam, lhes havia crescido barba e os cabelos; além disso tampouco usavam as roupas e os adornos reais. O Senhor queria tirar-lhes sua equivocação, mostrando-lhes a mudança que sofre este reflexo, por conseguinte lhes disse: “Barbeiem-se, vistam-se bem e adornem-se; depois vão olhar-se na água da vasilha.” Depois de seguir as instruções do Preceptor, olharam-se na água. “O que veem?”, perguntou o Criador. Disseram: “Bem adornados, bem vestidos e limpos como estamos, assim nos vimos lá”. O Criador então lhes disse: “Esse é o Atman, esse é imortal, é sem medo; esse é Brahman”. Ele se deu conta que a esta altura de sua compreensão, não podia ensinar-lhes mais; e eles bem contentes se foram. Vendo-os o Criador observou: “Estão indo sem ter conhecido, nem realizado ao Atman. Qualquer deles, sejam devas ou demônios, que siga esta doutrina perecerá”. O rei dos demônios, muito contente, se foi e predicou à seus súditos: “Se deve adorar e servir aqui só ao corpo; pois somente adorando-o e servindo-o adquire-se este mundo e o além.” Mas o rei dos devas [seres celestiais] refletiu e achou que o corpo que se refletia na água não podia ser o Atman, já que estava sujeito a mudanças, portanto voltou várias vezes ao preceptor até que chegou a conhecer a verdade do ensinamento. Tenhamos cuidado para não cometer esse erro como o rei dos demônios.

Sri Ramakrishna mediante uma parábola nos ensina como devemos nos aproximar de Deus. “Em certa aldeia vivia um jovem chamado Padmalochan. As pessoas abreviando seu nome o chamavam de “Podo”. Nesta aldeia havia um templo em condições muito más, sem nenhuma imagem de Deus em seu interior. O ashwatta e outras plantas cresciam nas ruínas de suas paredes. Os morcegos viviam lá e o piso se encontrava coberto de seus excrementos e de poeira. As pessoas daquela aldeia haviam parado de visitar ao templo. Um dia, após o crepúsculo, os aldeões ouviram ao som do caracol [utensílio para o ritual que se sopra] que vinha da direção do templo. Pensaram que talvez alguém tivesse instalado uma imagem no santuário e estivesse fazendo o culto vespertino. Um deles abriu a porta sem fazer ruído e viu a Padmalochan parado em um canto soprando o caracol. Não havia colocado imagem alguma. O templo não havia sido limpo, em toda parte havia imundice. Então gritou para Podo: ‘Não colocaste imagem alguma aqui, no santuário, ó insensato. Soprando o caracol está criando simplesmente

mais confusão. Dia e noite onze morcegos gritam aqui sem cessar”.

Continuando Sri Ramakrishna disse: “Não serve para nada o mero fazer ruído, se queres colocar a Divindade no santuário de seu coração, se queres realizar a Deus. Antes de qualquer outra coisa, purificai vossa mente. Deus senta-se no coração puro. Não se pode colocar a imagem sagrada no templo se este estiver coberto do excremento de morcegos. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco de ação, cinco de percepção e a mente”. Todos eles exigem sua satisfação a todo o momento. E limpar a mente consiste em esvaziá-la de todos os desejos mundanos.

É verdade que a Divindade mora dentro de todos. Mas enquanto o coração não esteja limpo, não se pode sentir Sua presença ali. Sri Ramakrishna disse: “Uma coisa é saber que existe fogo na lenha e outra completamente diferente obter fogo esfregando dois pedaços de lenha, cozinhar os comestíveis nesse fogo e alimentar-se. Uma coisa é saber que o leite é bom para a saúde e outra completamente diferente é bebê-lo e sentir-se beneficiado por ele.” Do mesmo modo, uma coisa é conhecer intelectualmente que todos somos divinos, mas algo muito diferente sentir esta presença divina em nós. A maioria da humanidade se conhece como brancos, negros ou amarelos, de certa altura, peso e coisas assim. Que significam todas estas descrições senão dados do corpo? No entanto o corpo não é mais do que um veículo para o Ser, para sua viagem através deste mundo; para adquirir as experiências doces e amargas até que desperte para a realidade. O corpo é somente uma estrutura; e assim como um templo no pode ser considerado tal enquanto não tenha uma imagem de Deus dentro, da mesma maneira, até que não se tenha realizado a Deus e sentido Sua presença dentro de si mesmo, seu corpo não é nada além de um conjunto de carne, ossos, sangue e coisas semelhantes.

O amor a Deus pode ser comparado ao sacerdote do templo do coração humano e o discernimento e o desapego são como os cuidadores que mantêm o templo limpo. O amor por Deus, ou devoção, é essencial para progredir na vida espiritual, antes que Deus responda e se revele. Diz-se que o Senhor olha o mais profundo do coração do homem e não ao que diz ou faz. Ele se sente contente com o menor serviço que se preste a Ele com toda a sinceridade.

A sinceridade é a argila com que os tijolos do santuário do templo estão feitos. Quando um homem ora com sinceridade a Deus para que Ele se revele, o Senhor lhe envia todo o necessário para seu progresso espiritual, virá o mestre que lhe possa guiar corretamente e terá todas as coisas que sejam necessárias para estar seguro em seu caminho. Como o Senhor Jesus Cristo disse: “Mas buscai primeiramente o Reino de Deus e Sua justiça e todas estas coisas lhes serão acrescentadas.” Os obstáculos no caminho espiritual de uma pessoa desaparecem sem muito esforço de

sua parte se busca a Deus unicamente, com anelo e sinceridade. O Senhor vem correndo a uma pessoa que não deseja nenhuma outra coisa senão Sua visão, Seu amor, Sua presença e que dependa totalmente Dele. E esta entrega completa salva ao aspirante de muitos perigos. Sri Ramakrishna costumava afirmar: “Um menino que, agarrado na mão de seu pai caminha por uma passagem estreita pode escorregar dentro da vala; mas isso jamais acontecerá se é o pai quem segura ao menino pela mão”. Neste tipo de entrega ou confiança, a oração desempenha um grande papel; mas não as orações que pedem coisas deste mundo, senão aquela que pede apenas amor por Ele e Sua visão. Este tipo de oração limpa a mente de todos os demais desejos. E até que não haja a limpeza do coração, não é possível colocar a imagem sagrada de Deus ali; Ele não entrará em um lugar onde já existem outros habitantes e estes, no caso de ser humano, são os desejos e apegos mundanos.

Certa vez um devoto perguntou a Sri Ramakrishna como se podia desenvolver o amor por Deus. Ele respondeu: “Gradualmente se adquire amor por Deus pela prática de cantar Seu nome e Suas glórias. Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome do Senhor, - e acrescentou, - Há um ditado, ‘Não se pode lograr êxito [na vida espiritual] enquanto se tenha essas três coisas: vergonha, ódio e medo’” Estes são exatamente o que impedem nosso progresso espiritual. Temos vergonha de sermos qualificados como religiosos pela sociedade, na época atual, em que a religião é considerada ou como um caminho seguido por pessoas de curto alcance ou imaturas, ou como o ópio dos pobres. Como podem então aqueles que buscam posição social identificar-se abertamente com a religião? Também acontece muitas vezes que as pessoas adictas a uma ou outra seita ou religião chegam a odiar aos que não seguem sua fé; isto também é um impedimento na vida espiritual. E o medo à crítica adversa por associarem-se com as pessoas piedosas, também é comum nesta época. Esta é a posição desconcertante em que muitos se encontram. Mas, assim como a lei da natureza não muda para adaptar-se a uma ou outra pessoa, assim também a lei do desenvolvimento espiritual tampouco pode modificar-se para concordar com os gostos de todos.

Agora vejamos, que quis dizer Sri Ramakrishna ao afirmar, “não se deve sentir vergonha ao cantar o santo nome de Deus”? Por acaso quis dizer que devemos fazer uma demonstração de nossa religiosidade? Não, pois em outras ocasiões repetidas vezes instruiu aos devotos dizendo-lhes: “Devem praticar as disciplinas espirituais em vossa mente, em um canto de sua casa ou em um bosque”. Também aconselhava até mesmo os que vivem em família a retirar-se a um lugar afastado de sua casa e viver isolado praticando tais disciplinas. Mas é uma coisa distinta, quando se trata de cantar em coro, ou em congregações, as glórias de Deus. Sri

Ramakrishna cantava louvores à Mãe<sup>2</sup> não somente no templo de Kali, senão também diante dos devotos e dançava em nome de Deus. Às vezes insistia em que se unisse ao canto ou dança um ou outro de seus discípulos um pouco tímidos para tirar-lhe esse sentimento de vergonha.

A limpeza do coração chega mediante a oração e a repetição do nome de Deus. Como já dissemos, isto significa não ter desejos mundanos, os quais sempre engendram outras más inclinações tais como egoísmo, vaidade, crueldade, etc. Enquanto estas tendências estejam aí, a devoção ou amor por Deus não achará oportunidade de levantar sua cabeça, por assim dizer. E a menos que se tenha amor por Deus não se capacitará para recordá-Lo constante e ininterrompidamente. Nárada, em seus aforismos sobre bhakti menciona as características da devoção; depois de citar a outros autores sobre este tema, disse: “Mas Nárada considera como devoção a aquele estado em que se consagram todas as atividades ao Senhor e se entrega por completo a Ele, sentindo aguda angústia ao esquecer-Lo”. É essa classe de amor por Deus que converte ao homem em um santo, transformando seu corpo em um templo do Senhor, no verdadeiro sentido da palavra. É claro que não se adquire esse amor assim de repente, devemos trabalhar muito e persistentemente para logrã-lo. É um tesouro valioso que o homem pode ter; pois o que o possui ultrapassa a todos e é adorado nos três mundos, disse Sri Krishna.

Para fortalecer nossa devoção e fazê-la inesgotável é necessário que cultivemos o desapego pelas coisas do mundo e o discernimento entre o Real e o transitório. Porque é impossível agarrar-se a Deus e pensar ou meditar Nele por um tempo longo, se não estivermos convencidos de que só Deus é Real e todas as outras coisas são transitórias e têm a existência de dois dias. O discernimento é imprescindível mesmo para o seguidor do caminho da devoção, pois sem discernimento entre o que é eterno e o que é transitório, como aferrar-se com firmeza ao eterno, ao Senhor? Como se pode evitar tornar-se vítima das tentações no meio das quais está vivendo?

A questão que surge agora é: Que devemos fazer com nossos sentidos turbulentos? Como podemos controlá-los? De que maneira podemos vencê-los?

Um devoto de Deus os dirige a Ele [o Senhor]. Em um poema muito belo um devoto persuade aos seus órgãos assim: “Ó língua, canta o nome e as glórias de Keshava; ó mente, medita em Muraripu; ó mãos, adorem à Shridhara; ó ouvidos, escutem a estória de Achiuta; ó olhos, vejam a Krishna; ó pés, caminhem até a morada de Harí; ó nariz, cheire a folha de tulsi oferecida aos pés de Mukunda; ó cabeça, inclina-te diante Adhókshaya”. Os vários nomes que encontramos aqui são de Vishnú, o

---

<sup>2</sup> Divina Mãe do Universo ou Kali (nota do tradutor).

Senhor que a tudo interpenetra; cada um desses nomes projeta diante dos olhos do devoto um quadro de algum episódio ocorrido em uma ou outra Encarnação do Senhor ou descrevendo Sua glória. Contemplando tudo isso, o devoto absorve-se no pensamento de Deus e assim logra concentrar sua mente Nele. Quanto mais possamos contemplar a forma de Deus e Seu jogo divino, tanto mais poderemos elevar-nos deixando para trás o plano mundano. Então os desejos baixos estarão momentaneamente subjugados e se alguém prosseguir em seu caminho com anelo e sem interrupção, poderá debilitá-los e finalmente aniquilá-los por completo.

Talvez surja aqui uma dúvida: Pode ser que este seja o caso de uma mente que de um modo ou de outro se encontrou com o caminho [espiritual], mas o que acontecerá com as pessoas que não têm nenhum gosto pela vida espiritual, aquelas que apesar de submersas nas ocupações mundanas, deveres e gozos, só de vez em quando têm um desejo passageiro de transcendê-los? A estas Sri Ramakrishna recomenda a companhia de homens piedosos. Diz: “A oração e a companhia de homens santos engendram o anelo por Deus nas pessoas mundanas. Mas não é suficiente estar em sua companhia só por um dia. Deve-se buscá-la constantemente, pois a enfermidade tornou-se crônica”. Por que se diz que a companhia dos homens santos é necessária para os que vivem no mundo? Porque as pessoas religiosas não falam de nada exceto de Deus. Sabemos bem como, pensando constantemente em uma coisa ou pessoa, se adquire certo apego por ela. Falando sempre de assuntos mundanos, o homem até sonha com eles e assim vai agravando sua enfermidade mundana dia a dia. Se tiver que livrar-se da febre deve tomar o antídoto e no caso da febre mundana o remédio é a companhia santa. O Bhagavata também exalta a eficácia da companhia de pessoas muito avançadas na espiritualidade, dessa maneira: “Neste mundo, a companhia de pessoas piedosas mesmo por alguns momentos é um tesouro desejável para o homem”. “Pois para o homem que está por afundar nas terríveis águas deste mundo, o sábio, que logrou acalmar suas paixões e que é conhecedor de Brahman, é o maior refúgio, assim como uma barca invulnerável o é para aquele que está para afogar-se”. Nárada expressa sua opinião sobre este tema: “Mas é extremamente difícil lograr a companhia de uma grande alma e ser beneficiado por ela; sua influência é sutil, incompreensível, no entanto infalível no seu efeito”. Se lermos a estória das religiões ou os livros sagrados, encontraremos exemplos de pessoas cujas vidas foram transformadas pelo contato que tiveram com grandes mestres espirituais.

Mas devemos advertir de um fato que conhecemos bem. É sabido que uma faísca pequena não pode acender uma grande pilha de lenha verde ou molhada; mas um fogo ardente e em chamas pode reduzir a



cinzas até a bananeira. Da mesma maneira, chegando a colocar-se em contato com os conhecedores de Brahman, ou sábios que viram a Deus, até um malvado estabelecido pode transformar-se em um santo, enquanto que um homem comum com um pouco de devoção pode perdê-la se associar-se intimamente com uma pessoa viciosa. Portanto os principiantes e aspirantes comuns não apenas devem buscar a companhia de pessoas piedosas senão também ao mesmo tempo evitar a má companhia. Senão todo o benefício que possamos adquirir da primeira será neutralizado pela segunda, e mais ainda, podemos ser arrastados à níveis mais baixos que antes.

Como no caso da companhia, também para escolher o alimento se deve ter cuidado. No Chandogua Upanishad encontramos uma passagem que dá ênfase sobre o alimento. Diz: “Se o alimento é puro, então a mente também se purifica. Em uma mente limpa a memória se estabiliza. Quando a memória se torna firme todos os nós e amarras se desfazem por completo”. Sri Shankaracharia comentando esta passagem afirma: “Tudo o que se reúne [ou é colhido] é chamado alimento, assim por extensão se aplica também ao conhecimento dos objetos como o som, etc., que é colhido pelos sentidos e pela mente. Esse conhecimento é puro quando os contatos dos sentidos com seus objetos não são influenciados pelo apego, aversão ou engano”. O que Sri Shankaracharia quer dar a entender é que a pureza da mente pode ser adquirida unicamente desfazendo-se do apego e aversão aos objetos do mundo. E quando se logra essa pureza da mente, a recordação de Deus se torna constante e conduz à liberação.

Outros comentaristas, no entanto, tomam o sentido literal da palavra alimento: o que se come. Dizem que há três classes de impurezas no alimento, a saber: primeiro, os que são impuros por natureza, segundo, por adulteração e terceiro, devido a sua associação. Prestar um pouco de atenção a estas coisas pode realmente ajudar aos aspirantes. Mas não precisamos ser demasiados escrupulosos sobre isto, esquecendo-se do propósito principal da vida, que é a realização de Deus. Há um canto de uma santa do Rajasthán, Mirabai, o qual ainda que seja dito em uma linguagem sarcástica, indica a verdadeira disciplina que nos leva a Deus. Canta: “Ó homem, é necessário praticar disciplinas espirituais e também cantar as glórias de Deus. É preciso que desenvolvias devoção pelo Senhor e amor por Ele. De que serve a mera purificação externa com os banhos [nas águas de rios sagrados]? Se isso fosse suficiente para ter a visão de Harí (o Senhor) então a lograriam os animais aquáticos que sempre estão submersos na água. Se sustentando-se apenas com frutas e raízes pudesse trazer a visão de Deus, então a teriam os morcegos e macacos. Se mantendo-se com leite apenas pudesse levar a visão do Senhor, então a alcançariam as crias dos mamíferos. Mas Mira [Mirabai]

declara que o Mimado de Nandá [Krishna] não pode ser visto sem o amor puro”. Sri Ramakrishna também falando do alimento dizia, “Bendito é aquele que sente anelo por Deus ainda que coma carne de porco. Mas vergonha daquele cuja mente mora na luxúria e cobiça, ainda que coma alimentos muito puros, tais como verduras fervidas, arroz e manteiga clarificada”. Tudo isto demonstra que mesmo que não seja necessário descartar ou desdenhar as regras comuns sobre a pureza do alimento, colocar uma ênfase demasiada sobre as coisas externas só irá desviar nossa atenção retardando nosso progresso espiritual. A meta principal é amar a Deus por Ele mesmo, lograr Sua visão e sermos benditos. Aquele que chega a ter essa bênção converte seu corpo em um templo de Deus. Sri Ramakrishna costumava afirmar: “Deus está em todos, sem dúvida, mas Sua manifestação é maior no coração de uma grande alma”.

Que Deus, que mora em nosso coração, nos faça sentir Sua presença ali antes que deixemos este corpo!



Tradução para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Vivekananda e da Vedanta.